

FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DO EXERCÍCIO DA AUTORIA: AS TIC NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Adriana Santos Sousa
Núcleo de Tecnologia Educacional de Vitória da Conquista – BA – Brasil
adrianassousa@yahoo.com.br

Elmara Pereira de Souza
Universidade Federal da Bahia - Brasil
elmarasouza@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo aborda a formação de professores no Núcleo de Tecnologia Educacional de Vitória da Conquista – BA – Brasil, enfatizando o exercício da autoria como probabilidade de utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na realidade das escolas públicas. Tem como objetivo analisar as possibilidades pedagógicas da produção e do uso dos objetos de aprendizagem (vídeos, slides, blogs, animações, simulações) na visão do professor e do aluno, ambos como autores e atores do processo ensino-aprendizagem. Os fundamentos teóricos encontram-se nos pressupostos de Mikhail Bakhtin, com ênfase no conceito de autoria, entendido, neste trabalho, como toda e qualquer construção feita pelo sujeito, pela qual ele se responsabilize, considerando a influência do outro como essencial no processo de criação. Os resultados apontam para, no contexto da autoria considerando o diálogo, a troca, a cooperação, a colaboração como pilares, uma pequena mudança na realidade das escolas públicas. Observa-se que, a partir do exercício da construção e uso de recursos tecnológicos (professores e alunos), alguns educadores conseguem compreender a importância dessas interfaces no processo educativo, além, da valorização e reconhecimento do seu ser autor e do outro como co-partícipe do processo de autoria.

Introdução

A utilização dos computadores nas ciências em geral tem trazido grandes mudanças em diversas áreas, como comércio, indústria, medicina. Na ciência, a computação automatizada permitiu medições e comparações que nunca foram possíveis antes. Na medicina, na indústria, processos repetitivos foram informatizados, minimizando o erro humano e também liberando o trabalho de tarefas “insalubres” do ponto de vista da auto-realização pelo trabalho. Nestas áreas, saltos enormes foram dados.

Mas, e na escola? Quais as transformações que percebemos com a inserção das tecnologias da informação e comunicação? Como os objetos de aprendizagem têm sido utilizados na escola?

Segundo Sandholtz (1997), o papel da tecnologia na educação não é tão óbvio. Precisamos discutir a inserção das tecnologias nas nossas vidas e em especial na educação para podermos compreender em que elas poderão auxiliar no processo ensino-aprendizagem.

Axt (2000), referindo-se à inserção das tecnologias na sociedade, menciona a existência daqueles que vêm, nas tecnologias, várias possibilidades para a promoção do ser humano, uma sociedade do conhecimento, um coletivo voltado à maior socialidade. Do outro lado, estão aqueles que

presentem o desenvolvimento de uma sociedade mais fechada, mais desumana, a sociedade do controle externo, a sociedade figurativa e não-reflexiva, da preponderância imagística, em que o próprio conhecimento corre risco de ser perdido, gerando uma sociedade do não-conhecimento. (AXT, 2000, p.21)

Há ainda aqueles que mantêm um equilíbrio entre os dois pólos. São os que oscilam entre reconhecer as possibilidades para uma sociedade do conhecimento e considerar as dificuldades de uma sociedade informacional.

Segundo Guattari (1993, p.177), a tecnologia nada mais é do que formas hiperdesenvolvidas e hiperconcentradas de certos aspectos da subjetividade humana, não fazendo da máquina nenhuma potência diabólica prestes a dominar o homem.

É preciso olharmos as tecnologias como potencialidade para possíveis mudanças, captarmos o melhor que possa nos dar, encontrar alternativas que possam ser utilizadas para inserção das tecnologias em benefício da sociedade.

Para além das teorias apocalípticas e salvacionistas, queremos analisar o tema da inserção das tecnologias na educação, com os seus percalços, mas também com as possibilidades que traz em potência para o exercício da autoria tanto dos professores quanto dos alunos, assim contribuindo para os processos de subjetivação com inflexão para a criação.

Na seção 1 dessa artigo abordaremos a formação de professores para o uso das TIC na escola. Em seguida, serão expostos alguns considerações a respeito das possibilidades de autoria na escola, com ênfase na teoria bakhtiniana. Na seção 3 serão abordados alguns conceitos de objetos de aprendizagem e sua implicações no processo ensino-aprendizagem, além de falarmos sobre a experiência da formação de professores para o uso das TIC no Núcleo de Tecnologia Educacional de Vitória da Conquista - BA- Brasil, na perspectiva do exercício da autoria.

Formação de professores

Quando falamos de formação de professores para o uso das TIC na escola, é fundamental explicitar qual a nossa compreensão de formação. A formação de professor é entendida como um processo, uma formação que compreende o sujeito enquanto construtor da sua história, uma formação que busque um papel ativo do professor, uma formação fundamentada na experiência de viver a tensão dialética entre teoria e prática (FREIRE, 1995). Compreendemos que o ensinar é inseparável do aprender, e, portanto, a formação do professor deve ser pautada na busca da construção do conhecimento, da criatividade, da autoria colaborativa, a partir dos desafios apresentados no seu dia-a-dia, da reflexão sobre sua experiência. Segundo Freire (2007) a formação de um professor significa aprender a ser professor, um aprender que se faz quando se aprende a razão de ser do objeto de conhecimento, a formação voltada para a pesquisa. A formação deve ser baseada na colaboração, no fazer pedagógico, ou seja, a formação não pode

prescindir do exercício permanente de refletir na ação, sobre a ação e sobre a reflexão na ação (Freire, 1995 e 1996; Gimeno e Gómez, 1998).

Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescenta à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo (Freire, 1996, p. 32).

A formação do professor na perspectiva da pesquisa, do imbricamento teoria e prática, apontam a linguagem, como instrumento essencial através do qual o indivíduo constitui-se como um sujeito histórico e cultural. Através dela, vários sentidos são colocados em disputa. Para Bakhtin (2000), o aspecto conflituoso e, portanto, ideológico, da linguagem destaca a importância do processo de compreensão dos significados que se dá dialogicamente, numa trama que pressupõe simultaneamente a reflexão e a refração de múltiplas vozes sociais.

A formação de professores para o uso das TIC na escola deve ultrapassar a preocupação com os cursos instrumentais de uso das tecnologias, deve motivar o professor a ser autor do seu próprio percurso, pois

Não importa a professores e alunos apenas aprender a usar os novos meios tecnológicos Na Educação importa muito mais pensar as tecnologias PARA a Educação. Pensar as tecnologias PARA a educação supõe um deslocamento de perspectiva fundamental para operar uma mudança de sentido, ou ao inverso, supõe uma mudança de sentido essencial para operar um deslocamento de perspectiva. (AXT, 2000, p.10)

De acordo com a posição bakhtiniana, é impossível falar do indivíduo sem relacioná-lo com o meio social e com as ideologias que o constituem. Assim, é imprescindível compreender que o professor leva para o ambiente escolar um determinado conjunto de atitudes que compõem a sua subjetividade. E é acreditando nessa formação que leva em conta as subjetividades, a ação, a experiência, a pesquisa, a reflexão, a autoria, que procuramos trabalhar para na formação de professores para o uso das TIC na escola no Núcleo de Tecnologia Educacional.

Autoria

Apresentaremos alguns conceitos de autoria encontrados em leituras de Foucault e Bakhtin. Não temos a pretensão de articulá-los, já que cada um traz um enfoque diferente, de acordo com a sua área de estudo, porém, temos a intenção de mostrar a complexidade deste conceito, de que não é possível homogeneizar os sentidos. Nesse trabalho demos prioridade aos pressupostos teóricos de Bakhtin.

Para Foucault (1992, p. 46), a função-autor não se constrói apenas atribuindo um texto a um indivíduo com poder criador, mas se constitui como uma “característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade”. Ele diz,

ainda, que é instaurador de discursividade todo aquele cuja obra permite que outros pensem algo diferente dele, ou seja, o autor não repete o que diz as obras com as quais dialogou, mas traz diferenças em relação a elas.

Segundo Todorov (apud Bakhtin 2000), o conceito de autor, em Bakhtin, vai se modificando em suas diversas obras. No início dos anos 20, havia um conceito de autor quase-deus, como mostra Bezerra (1997, p. 15), na introdução do livro Problemas da Poética de Dostoiévski: “O autor é o novo sujeito da criação que substitui os sacerdotes, os profetas, os juizes, os pais patriarcais, etc. Só existindo o sujeito da criação é possível transformar a coisa, o objeto, o mundo material em discurso”.

Nestes escritos, Bakhtin qualificava o autor como um demiurgo, o sujeito que está entre o divino e o humano, e que consegue transformar a matéria bruta em discurso humanizado, e, assim, dá vida a novas criaturas que só conseguem humanizar-se no ato da fala.

Nas leituras das obras de Bakhtin e seguindo a orientação de Todorov (2000), percebe-se uma modificação deste conceito. Se ele inicia colocando o autor como um sujeito diferenciado, a seguir traz a idéia de que o autor constrói e é construído pelos seus próprios personagens, definindo esta relação entre autor-personagem como dialógica. Bakhtin foi um autor que começou, ainda na primeira metade do século XX, a questionar o conceito de autoria como se referindo a um sujeito gênio criador, origem do seu próprio dizer. Nos textos de várias épocas encontrados, em especial, na segunda parte do livro “Estética da Criação Verbal” (Bakhtin, 2000), nota-se uma tendência à compreensão da autoria em sua dimensão coletiva/social. A noção de que não há um único autor, e sim vários, a noção de um texto que não é jamais singular, e sim compartilhado, é bem mais clara nestes escritos.

Tudo o que é dito, expresso, situa-se fora da “alma”, fora do locutor, não lhe pertence com exclusividade. Não se pode deixar a palavra para o locutor apenas. O autor (o locutor) tem seus direitos imprescritíveis sobre a palavra, mas também o ouvinte tem seus direitos, e todos aqueles cujas vozes soam na palavra têm seus direitos. (BAKHTIN, 2000, p. 350)

Segundo Faraco (2005), baseado nos pressupostos bakhtinianos, autorar é assumir uma posição axiológica, é deslocar-se para outra(s) voz(es) social(is). As buscas do autor por sua própria palavra são basicamente buscas por uma posição autoral.

Historicamente, o conceito de autor também se modifica. No período dos manuscritos, quando escribas freqüentemente alteravam os textos que transcreviam e copiavam, a separação entre autores e leitores não era significativa. Sto. Tomás de Aquino e Sto. Agostinho diziam que não eram autores, mas realizadores da palavra de Deus. Mais tarde, os autores profanos, que não tinham a mesma relação com a palavra divina, assumiram-se como criadores. Sua autoridade era fruto das próprias histórias que criavam e esta autoridade foi consolidando-se pelo fato de que, sendo uma tarefa complexa, poucos leitores poderiam se tornar autores.

Foucault (1992) comenta que, através da história da humanidade, os textos passaram a ter autores na medida em que os discursos se tornaram transgressores com origens passíveis de punição, pois, na antiguidade, as narrativas, contos, comédias, tragédias, eram colocados em circulação e valorizados sem que se pusesse em questão a autoria.

Vivemos atualmente uma outra relação com a autoria, com os textos. Considerando a tecnologia, em especial a rede Internet, percebemos que as autorias são crescentemente compartilhadas. Em cada link acessado, através do hipertexto, a cada clique do mouse, os leitores/navegadores optam por caminhos, decidem o rumo da narrativa, concordam, discordam, constroem e reconstroem, ressignificando definitivamente a idéia de autor. Na rede, a possibilidade de participação do leitor/navegador é enorme, cada navegação é um caminho único. Neste espaço o leitor/navegador além de ler, pode opinar, emitir juízo, criar, participar como um autor ou co-autor. A palavra, como enfatiza Bakhtin, passa a ser um signo interindividual. O autor tem seus direitos inalienáveis, mas o ouvinte/leitor também tem seus direitos sobre a palavra, e aqueles cujas vozes ressoam na palavra antes que o autor se aposses dela também têm seus direitos.

Bakhtin (2000) afirma que todo texto tem um autor. Desde um simples cumprimento até a elaboração de uma obra de arte, a figura do autor está presente, assim com a do leitor. Sempre que falamos ou escrevemos, temos em mente um ouvinte/leitor, que não é passivo, como configura muitas vezes a lingüística. O ouvinte/leitor que recebe o discurso adota, simultaneamente, uma atitude responsiva ativa. Ele pode concordar, discordar, complementar, adaptar à sua realidade, e esta atitude não é passiva e está em constante elaboração durante todo o processo de audição e de compreensão. Esta compreensão pode acontecer imediatamente (no caso de um diálogo informal, onde a resposta é direta), ou tornar-se uma compreensão responsiva muda ou retardada (no caso da literatura, por exemplo), mas em algum momento o que foi ouvido e compreendido encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte.

Mesmo quando se faz uma interpretação ou citação da palavra do outro, ele cria um outro texto seu, que é diferente do original.

A partir das obras de Bakhtin, percebe-se a necessidade de pensar um novo conceito de autoria, coerente com uma concepção dinâmica da linguagem, com o conceito de polifonia e de dialogismo, considerando o sujeito como ser social.

Baseada na teoria bakhtiniana, compreendemos autoria como toda e qualquer construção feita pelo sujeito, pela qual se responsabilize, seja através da linguagem oral ou escrita, ou da ação, perpassada pelo social, considerando a influência do outro, a palavra do outro como essencial no processo de criação. Esta definição foi elaborada, com base em leituras de vários autores

(BAKHTIN, 2000, 1979; mas também em AMORIM, 2004; AXT, 2000; BRAIT, 1999; FARACO, 2001), com o objetivo de ampliar o conceito de autoria.

A partir dessa compreensão de autoria podemos analisar as possibilidades autorais dos sujeitos autores e atores (professores e alunos) do processo ensino-aprendizagem com a utilização das TIC na escola. Quais são as possibilidades pedagógicas da produção e do uso dos objetos de aprendizagem (vídeos, slides, blogs, animações, simulações) na escola? Como incorporar a autoria de Objetos de Aprendizagem (OA) na formação de professores para o uso das TIC na educação? São essas questões que procuraremos responder a partir da experiência do grupo de professores-multiplificadores do NTE16.

Autoria de OA no NTE

São várias os conceitos encontrados na literatura para objeto de aprendizagem. Nesse trabalho consideremos objeto de aprendizagem como qualquer recurso ou objeto digital utilizado pedagogicamente e que pode ser combinado e reutilizado para fins educacionais. Segundo Tarouco et al (2003), objetos de aprendizagem são “(...) blocos criados a partir de linguagens e ferramentas de autoria que permitem maior produtividade, uma vez que sua construção demanda muito tempo e recursos, especialmente quando envolvem multimídia”. O grande benefício dos objetos de aprendizagem é a sua reutilização. Vídeos, animações, imagens, sons utilizados com objetivo pedagógico podem ser considerados objetos de aprendizagem.

Muitos professores das escolas públicas da região atendida pelo NTE16 já utilizam há muito tempo recursos como textos e vídeos em suas aulas. Porém, o potencial do recurso digital faz com que abram novas possibilidades de produção, utilização e divulgação desses objetos. Segundo Santos (2003) “a natureza do digital permite maior flexibilidade e plasticidade na criação e uso da informação devido ao potencial da mixagem, da multimídia e da interatividade”.

No trabalho de formação de professores, conforme foi dito anteriormente, compreendemos que o docente, além de utilizar os OA encontrados em diversos repositórios, pode ser autor dos seus próprios OA. Os cursos de formação de professores devem ir além da preocupação com o instrumental, com a utilização do que já está posto, devem dar suporte para repensar também as concepções no campo educacional e incentivar a assunção da autoria por cada professor.

Vídeos, slides, blogs, animações, simulações, podem ser desenvolvidos pelos professores de acordo com a demanda de sua sala de aula, de sua escola, de sua comunidade.

WEB 2.0

Inicialmente, os *sites* tinham o objetivo informativo de modo que os usuários não tinham

nenhuma autonomia sendo apenas “consumidores” das informações. Com a popularização da Internet, houve necessidade de mudanças nos serviços prestados na rede. O termo Web 2.0, criado em 2004, pela empresa americana O'Reilly Media, está sendo utilizado para descrever as novas possibilidades oferecidas pela rede mundial de computadores. A Internet está se transformando em uma plataforma onde os aplicativos e interfaces disponíveis na rede se aproximam cada vez mais dos softwares que usamos nos computadores pessoais, sem a necessidade de instalação de programas. Outro ponto relevante é a facilidade de publicação dos trabalhos produzidos pelos internautas. Cada pessoa pode assumir a postura de leitor e também autor/produzidor além de compartilhar com todos suas produções. Desse modo, deixamos o papel de meros leitores coadjuvantes para assumirmos ativamente a autoria cooperativa e colaborativa na rede.

Essa mudança, embora pareça que exista atualizações técnicas na rede, está atrelada para uma modificação na forma que é vista por usuários e desenvolvedores. A elaboração das novas interfaces permite mais interações e aproximação de comunidades.

A comunicação que antes era no modelo um-para-um, assume a amplitude de muitos-para-muitos fato corroborado por Mattar e Valente (2008, p 77), “do modelo de um-para-um, pulamos para um-para-muitos, e atualmente estamos vivenciando o muito-para-muitos, todos podendo interagir com todos”. Interatividade, colaboração, cooperação, participação são termos que caracterizam as atividades em tempos de Web 2.0. Existem várias interfaces que atendem à essas especificações: Google, Wiki/Wikipedia, Orkut, Youtube, Podcast, blogs entre outras.

No que se refere ao processo educacional, podemos dizer que essas características da Web 2.0 favorece a construção da conhecimento de forma colaborativa e o professor não é mais o único detentor do conhecimento. Professores e alunos caminham juntos criando novos espaços de troca de informações não se limitando à sala de aula. Há uma descentralização e distribuição de conteúdos.

Nesse sentido, com a pretensão de ampliar os limites da criatividade de professores e alunos e instigar a imaginação e motivação para buscar uma aprendizagem mais rica potencializando o trabalho coletivo na Internet, a criação e compartilhamento de blogs, slides, vídeos e softwares contribuem positivamente para a aprendizagem quando permitem produzir textos, publicar informações, compartilhar atividades dos alunos, disponibilizar materiais para consulta e pesquisa, formar uma rede de blogs da comunidade escolar.

Blog

Blog é a abreviatura do termo Weblog. Blogs ou diários virtuais são paginas da internet onde as pessoas escrevem sobre os mais diversos assuntos em ordem cronológica e os textos publicados

(posts) podem ser acompanhados de imagens, sons, vídeos, links, além de permitir interação uma vez que os visitantes possam expressar sua opinião efetuando comentários sobre o que está escrito.

Segundo o Technorati_(2007), o número de blogs no mundo passa de 1 bilhão. Mas, o que torna os blogs tão populares? Algumas possíveis explicações: facilidade de criação e manutenção, liberdade de expressão, compartilhamento de ideias e a cumplicidade entre quem escreve, quem lê e comenta as mensagens.

Na educação, essa interface pode ser uma ferramenta proveitosa tanto para professores quanto para alunos. Segundo a professora Betina von Staa, o professor pode ter sete motivos para criar um blog. Ela aponta que o blog tem uma linguagem divertida por permitir publicação de textos com linguagem cotidiana mesclados por imagens; aproxima professores e alunos uma vez que permite comentários do que se é publicado pelo professor; torna o trabalho visível ampliando o espaço da aula, pois as discussões e as produções realizadas extrapolam os limites da escola além de estimular o pensamento crítico e favorecer a pesquisa, leitura e escrita.

Nos cursos do NTE 16, onde a inserção do blog na prática pedagógica foi uma das atividades propostas, os professores puderam constatar uma forma de comunicação valiosa entre os atores do processo educativo. Embora esta interface não tenha sido criada para fins educacionais, coube aos profissionais da educação trazê-la para sua realidade. E nesse processo de criação, professores e alunos, pesquisaram e buscaram juntos, ferramentas para enriquecer o espaço virtual tornando-o mais interessante, criativo e interativo. Conforme ratifica a cursista no fórum de discussão do curso *Educação Matemática e o Uso das Tecnologias* (2008): “Trabalhar com o blog foi uma experiência interessante. Fiquei muito entusiasmada e os meus alunos também. Todos gostaram muito da novidade, visitaram o blog, fizeram as atividades propostas, deixaram comentários”.

Vídeos

As funções de um vídeo numa sala de aula podem ser bastante diversificadas. No contexto em que estamos inseridos, de acordo com Moran (1995), o vídeo assume o papel de produção, conteúdo de ensino onde é um meio de expressão das idéias de professores e alunos.

No processo de construção dos vídeos, os professores foram convidados a ressignificar sua prática a partir de recursos audiovisuais. O conteúdo escolhido pelo professor, o planejamento, a criatividade, a imaginação, a motivação para atividade impulsionaram o trabalho tornando-o além de útil, muito prazeroso. A cursista relata no fórum de discussão do curso *Educação Matemática e o Uso das Tecnologias* (2008) que acabou “aprendendo uma nova forma de registrar os meus trabalhos de pesquisa e elaborar material para as aulas produzindo, eu mesma,

os vídeos que às vezes necessito, mas não encontro com facilidade”.

Estimular professores e alunos para mostrar seu talento na montagem e edição dos vídeos se torna essencial. Desta forma, há a possibilidade de extrapolar o simples entretenimento para tornar o produto final algo que reflita a união de informação, aprendizagem, ludicidade, conhecimento técnico e artístico.

Para montagem do vídeo foi usado o programa Movie Maker³ por ser simples e de fácil manuseio e para divulgação das produções o Youtube⁴ foi o sítio escolhido pela equipe do NTE 16 por ser um site com grande número de visitantes e assim, dar maior visibilidade do trabalho.

Slides

A criação de recursos pedagógicos pelos próprios professores é de extrema importância para o processo educacional. Usar em suas aulas materiais que reflitam o seu pensamento, a sua identidade e que permitam que o outro possa identificá-lo, reconhecê-lo, criticá-lo, significa estar aberto a trocar idéias e construção de novos conhecimentos.

A elaboração de slides segue o mesmo procedimento da criação de vídeo: conteúdo, idéias, escolha e organização de textos e imagens sempre com o objetivo de tornar as aulas mais dinâmicas, ilustrativas e com exemplos representativos do tema abordado.

A partir da vivência, dos comentários em classe, o professor pode reformular seus slides a cada dia compartilhando suas experiências em sites como Slideshare⁵ e Scribd⁶ para que mais pessoas possam ter acesso e dar opinião sobre o seu trabalho.

Software

Os objetos de aprendizagem no formato de programas de computadores que envolvem animação e simulação podem trazer inovação e, assim provocar mudança de contexto na sala de aula. No entanto, para que a incorporação das tecnologias na sala de aula aconteça efetivamente, é preciso que este processo seja gradativo levando em consideração a realidade em que se está inserido.

Aliado a essa opinião, a equipe do NTE 16 no curso *Objetos de Aprendizagem e suas Aplicações nas Ciências Exatas e Naturais* (2007 e 2008) propôs aos professores-cursistas o desafio de criarem um roteiro de uma história que pudesse ser transformado em um *software*.

Os professores se mostraram empolgados com a atividade e com a possibilidade de ver sua história transformada em um programa de computador. Dialogaram com outros professores, com seus alunos para detectar as dificuldades e a necessidade de desenvolver recursos pedagógicos nessas áreas.

Escolhido o conteúdo e elaborado o roteiro, a criação do *software* seria o próximo passo. No

entanto, para isso é necessário conhecimento específico em linguagem de programação. Nessa etapa, o NTE 16 fez parceria com a Faculdade de Tecnologia e Ciência – FTC, onde os alunos do curso Sistema de Informação deram suporte técnico e criaram o programa a partir dos roteiros elaborados pelos professores-cursistas.

No processo de criação do *software*, as trocas de informações entre os alunos da FTC e os professores foram contínuas, na tentativa de ser fiel às propostas pedagógicas iniciais, respeitando às limitações das ferramentas do programa de autoria (Flash). Infelizmente nem todos os roteiros puderam ser realizados diante dos obstáculos enfrentados no uso do Flash, fato que frustrou alguns professores.

Contudo, os roteiros que puderam ser usados, tiveram a aprovação dos alunos e dos professores, conforme depoimento de um dos professores no fórum de discussão: “gostei muito de conhecer e interagir com os OA, tenho certeza que as minhas aulas não serão mais as mesmas; estarei utilizando sempre que possível”.

Durante o período de testes com os alunos, os problemas detectados com relação à execução, à abordagem do conteúdo ou ainda alguma sugestão para melhoria do programa, eram relatados para a equipe do NTE e da FTC para que tudo fossem feitos os devidos ajustes.

A partir dessas experiências de formação para o uso das TIC na educação, os professores se sentiram mais estimulados a participarem de outros cursos no NTE e continuarem a utilizar as tecnologias na perspectiva da autoria.

Considerações finais

Sabemos que a inserção das TIC na educação não é algo trivial. Muito se fala das dificuldades da inserção das tecnologias na escola. Compreendemos a importância da formação de professores para o favorecimento da incorporação das TIC na sala de aula. Porém, essa formação deve estar pautada no sujeito como construtor da sua própria história. A formação na perspectiva da investigação, da reflexão sobre a prática, da autoria, pode trazer novas perspectivas para os professores na utilização das TIC no fazer pedagógico.

A experiência com a formação de professores na perspectiva da autoria no NTE16 nos mostrou que, os professores, no encontro com as tecnologias assumiram a posição de autoria, não se omitindo.

As discussões teóricas aqui trazidas apontam a linguagem, como instrumento essencial através do qual o indivíduo constitui-se como um sujeito histórico e cultural.

Esse estudo nos proporcionou uma visão mais ampliada da formação de professores, visto que, muitos cursos de formação têm a sua proposta pautada na instrumentalização dos sujeitos para uso das tecnologias na escola. Com a proposta de trabalhar na perspectiva da autoria, a partir do

exercício da produção e uso de recursos tecnológicos (professores e alunos), alguns educadores conseguiram compreender a importância dessas interfaces no processo educativo, além, de valorizarem e reconhecerem o seu ser autor e do outro como co-participante do processo de autoria.

1 Estas informações foram retiradas do texto “O Autor” , disponível no site:

<<http://www.unicamp.br/~hans/mh/autor.html> > Acesso em 20/08/03. Este texto é parte da tese de doutorado de Maria Helena Pereira Dias “Hipertexto – o labirinto eletrônico. Uma experiência hipertextual”.

2 <http://technorati.com> – indexador de diários virtuais.

3 É um programa da Microsoft que permite criar nossos próprios filmes usando fotografias e/ou vídeos de uma câmara digital.

4 Alguns vídeos produzidos pelos professores estão disponibilizados em

<http://www.youtube.com/user/adrianassousa>

5 <http://www.slideshare.net>

6 <http://www.scribd.com>

Referências

AMORIM, M. (2004). *O Pesquisador e seu outro. Bakhtin nas Ciências Humanas*. São Paulo, Musa editora.

AXT, M. (2000). Tecnologia na educação, tecnologia para a educação – um texto em construção. In *Revista Informática na educação: teoria & prática*, Porto Alegre, UFRGS, 2000.

BRAIT, B. (1999). As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS D. L. P. e FIORIN J. L. (orgs) *Dialogismo, polifonia, intertextualidade em torno de Bakhtin*. São Paulo: EDUSP.

CARDOSO, G. et al. (2005) *Sociedade em Rede em Portugal*. Campo das Letras: Porto.

FARACO, C. A. (2001). Dialogismo como chave de uma antropologia filosófica. In: FARACO, C. A; TEZZA, C.; CASTRO, G (orgs). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Editora UFPR.

FARACO, C. A. (2005). Autor e Autoria. In: BRAIT, B. (org). *Bakhtin – conceitos-chave*. São Paulo, Contexto.

FOUCAULT, M. (1992). *O que é um autor?*. Passagens, Editora Vega.

FREIRE, P. (2007). *Pedagogia da Esperança - Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido - Paz e Terra* Editora.

FREIRE, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática docente*. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra.

FREIRE, P. (1995). *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo (SP): Olho

D'agua, 1995.

GIMENO, S. & GOMÉZ, P.. (1998). *Compreender e Transformar o Ensino*. Porto Alegre: Artes Médicas.

GUATTARI, F. (1993). Da produção da subjetividade. In: PARENTE, A.(Org.). *Imagem máquina*. Rio de Janeiro: Editora 34.

HARVEY, D. (1992). *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

MACHADO, A.(1996) *Máquina e imaginário: o desafio das poéticas tecnológicas*. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo.

MATTAR, J., VALENTE, C. (2007) *Second Life e Web 2.0 na Educação: O potencial revolucionário das novas tecnologias*. São Paulo: Novatec.

MIKHAIL, B. (2000) *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martinz Fontes.

MIKHAIL, B. (1997) *Problemas da Poética de Dostoievski*. São Paulo, Forense Universitária

MORAN, J.M., *O vídeo na sala de aula*, Revista **Comunicação & Educação**. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, p 27 a 35, jan-abr/1995 disponível no endereço: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/vidsal.htm#propvideo> acessado em 30/06/2009 às 12h50min.

SANTOS. E. (2005) Tutoria e Planejamento. Série Proged/Programa de Formação Continuada de Gestores de Educação Básica, Salvador, v. 1.

STAA, B. von, Sete motivos para um professor criar um blog, acessado em 29/06/2009 http://www.educacionalpositivo.com.br/articulist/betina_bd.asp?codtexto=636